

## **Luiz Fernando Pereira**

### *O “rebelde do Paraná”*

O menino inquieto nascido em Cascavel, no Oeste paranaense, em 9 de outubro de 1970 teve uma vida bastante agitada. Filho de políticos, Luiz Fernando Pereira desde pequeno acompanhou a carreira dos pais e se interessou pela política. Seu pai, Mário Pereira, foi governador do Paraná; sua mãe, Marlene Casagrande Pereira, chegou a ser deputada estadual por um curto período, assumindo uma suplência. Ele próprio, entretanto, nunca concorreu a um cargo público eletivo, mas se envolveu de corpo e alma na política estudantil. Esteve no centro de um dos mais importantes eventos de revolta estudantil do país: a ocupação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná por universitários em 1992.

Da sua infância no interior, onde viveu até os 12 anos, antes de mudar-se para a capital após a eleição do pai como deputado estadual, tem boas recordações – foi uma infância bastante livre, sem as preocupações que normalmente traz a vida de hoje nas grandes cidades. “Uma infância dessas que não há mais”, lamenta, comparando com as condições de suas filhas hoje: “Minha mulher fica preocupada quando nossas filhas andam sozinhas dentro do condomínio onde moramos. Quando criança, eu saía sozinho sem hora para voltar. Aqui já é outra realidade”.

Aluno do Colégio Marista de Cascavel, Luiz Fernando era uma criança rebelde. Lembra que sua mãe dizia brincado ter uma conta corrente no hospital, tamanho o número de ocorrências em que o filho se envolvia. “Eu vivia me machucando. Quase perdi um dedo da mão com uma espingarda de pressão”, conta. Com 11 anos, Luiz Fernando ganhou uma motoneta Garelli. Naquele tempo, havia uma complacência generalizada quanto ao uso desses veículos por crianças, embora fossem fonte inesgotável de risco. Se acreditasse em anjo da guarda, Pereira debitaría ao seu o fato de ter “sobrevivido à própria infância”, como diz, mas atribui tudo a uma feliz coincidência. “O fato é que cheguei vivo a Curitiba no começo de 1983”, lembra.

Em Curitiba, estudou no Colégio Positivo, onde seguiu com sua habitual rebeldia, que lhe rendeu algumas suspensões. Que, aliás, olhando retrospectivamente, considera justas: “Não me lembro de nenhum caso específico, mas certamente era culpado. Mereci todas as punições que recebi no colégio, que e sempre estiveram aquém da punição justa.” Conta que se meteu nas confusões das mais variadas, geralmente com atos de indisciplina.

Para além de suas “estripulias”, desde os sete anos de idade, assistiu às disputas eleitorais do pai, que, depois de deputado estadual, foi vice-governador na chapa de Roberto Requião e depois governador – embora substituindo Requião por um período curto, imprimiu sua marca na administração do Estado e tornou-se desafeto do antigo aliado.

Acompanhando a carreira política paterna, chegou a pensar em concorrer a cargo eletivo, mas diz que a prudência o fez “arquivar a ideia”, hoje descartada. Ele justifica: “Sou advogado e

professor de Direito, acho que isso é incompatível com a política. Ser candidato significa renunciar algum tempo à profissão, e isso não se consegue recuperar. O mercado é dinâmico demais para esperar alguém brincar de política”.

Entretanto, ele acredita que fez tudo que devia fazer em política participando do movimento estudantil. Foi presidente do Diretório Central de Estudantes da PUCPR e diretor da União Nacional dos Estudantes (UNE).

### **MOVIMENTO ESTUDANTIL**

Sua rebeldia expandiu-se na faculdade. Começou a cursar Direito na PUC e Economia na Universidade Federal do Paraná. Fez apenas um ano de Economia e abandonou o curso, formando-se em Direito no começo de 1993. E por pouco não se formou, pois teve que enfrentar um processo de expulsão por sua participação na célebre greve de 1992, que durou 35 dias. O processo foi concluído após a formatura, resultando numa expulsão formal, mas sem efeito prático, pois ele já havia colado grau. Quinze anos depois, tornou-se professor da pós-graduação em Direito Processual Civil na mesma universidade. Garante ter sido um prazer muito grande lecionar na mesma instituição que o havia expulsado. Não chegou a haver um perdão formal, mas ele considera como tal o fato de o terem admitido como professor. De toda a celeuma envolvendo a famosa greve, ficou-lhe um arrependimento: “Eu me ressinto de não haver discutido esses fatos todos que ocorreram em 1992 com o então reitor Euro Brandão. Foi um movimento muito radicalizado, e o Euro Brandão morreu sem que eu tivesse tido a oportunidade de discutir com ele de forma mais serena aqueles acontecimentos. Fui ao velório dele e guardo até hoje o ressentimento da ausência dessa conversa. Eu faria, sem dúvida, um *mea culpa* em relação à radicalização que houve, mas ele provavelmente também assumiria parcela de culpa por ter se negado a conversar quando as coisas estavam mais amenas”.

Pois ainda hoje é recordada pelos dirigentes estudantis da PUC a radical atitude dos estudantes de 1992 – o campus inteiro ocupado por tanto tempo, na mesma época em que acontecia o impeachment do presidente Fernando Collor de Mello. “Talvez esse tenha sido o último grande momento do movimento estudantil brasileiro”, opina Pereira.

Sua participação no movimento o fez personagem do livro “Rebeldes do Paraná – O impeachment do presidente Fernando Collor e a ocupação da PUC/PR”, escrito por Mário Hélio Gomes e publicado em 2012. A obra apresenta Luiz Fernando Pereira como grande articulador do movimento estudantil de então.

O estudante rebelde graduou-se e ainda fez mestrado e doutorado em Direito Processual Civil na UFPR. Atualmente, dá aulas na Escola da Magistratura e no Instituto Romeu Bacellar. Além disso, dirige a Revista Brasileira de Direito Eleitoral – outro tema que tem sua dedicação acadêmica –, publicação semestral da Editora Fórum, e coordena uma pós-graduação, na mesma área, na Universidade Positivo.

Sua atividade principal, no entanto, é a advocacia. Seu escritório, Vernalha Guimarães & Pereira, contabiliza na relação de clientes atendidos inúmeros políticos, como Gustavo Fruet, Osmar Dias, Beto Richa e Gleisi Hoffmann. Declara que seu envolvimento com o Direito Eleitoral é uma forma de não perder contato com a política sem se envolver demais, algo “no limite exato”. O escritório Vernalha Guimarães & Pereira conta hoje com quase 30 advogados, em todas as áreas do Direito Empresarial. Em pesquisa da Revista Análise Advocacia feita com grandes empresas brasileiras, ficou entre os 500 escritórios mais admirados do país. E está de sede nova: o casarão histórico de mil metros quadrados na esquina das ruas Barão de Antonina e Mateus Leme, antigo palácio episcopal construído em 1895, foi totalmente restaurado para receber o escritório.

### **DA ESQUERDA AO LIBERALISMO**

Se é verdadeira a repetida frase: “Quem não foi de esquerda na juventude não tem coração; quem continuou sendo depois não tem cérebro”, Luiz Fernando Pereira seguiu o roteiro perfeito. Assim ele define sua posição: “Fui de esquerda, hoje sou um liberal, mas ligado nostalgicamente à esquerda. Sou um saudosista do pensamento à esquerda. Hoje, sou liberal do ponto de vista da democracia e da economia. Sou adepto do estado mínimo, sou um convertido pelo Roberto Campos.” Pereira considera Campos “o mais inteligente brasileiro de todos os tempos”. Além de Roberto Campos na economia, cita outros dois brasileiros que qualifica como “os mais admiráveis entre todos”: Carlos Lacerda na política, Nelson Rodrigues na literatura.

Diz que foi preponderante para sua mudança ideológica a leitura de tudo que se escreveu para explicar a queda do Muro de Berlim, período que considera um marco na sua virada ideológica. Acredita que depois da queda do Muro a esquerda nunca mais se encontrou. “A política ficou chata sem a dicotomia direita *versus* esquerda. Acabou a figura do inimigo claro, e política sem inimigo não tem muita graça”. Sustenta que a promiscuidade nas alianças partidárias brasileiras é fruto da ausência de discrepâncias ideológicas. Cita um estudo acadêmico que concluiu serem de esquerda todos os programas partidários no Brasil, com exceção do antigo PFL, para defender que “como todos são, ninguém é”. Entretanto, acredita que, embora mais “chata”, a política nacional está mais madura. “Celso Furtado dizia que não era possível fazer política sem ideologia – essa frase está superada”, opina.

Luiz Fernando Pereira tem uma visão otimista do Brasil de hoje. Crê que o país está num período de maturidade institucional e aos poucos vai resolvendo os problemas econômicos principais. Vê como maior problema o déficit da Previdência Social, que consome parcela significativa do PIB brasileiro, desproporcional em um país em desenvolvimento como o nosso, alertando para o fato de que Grécia e Espanha foram “quebradas” por problemas na Previdência. Aponta ainda o problema dos gastos com os serviços da dívida pública: “O que se gasta com o rombo da Previdência e o serviço da dívida faz parecer ridícula qualquer outra discussão sobre corte de gastos públicos”. Mas entende que aos poucos esses problemas estão sendo resolvidos.

Avalia como melhor obra do governo de seu pai, Mário Pereira, haver pacificado o Estado, que viveu um momento de tensão no primeiro governo Requião, com greve no Judiciário, greve no Ministério Público e atritos com diversos setores da sociedade.

Como espectador privilegiado das disputas entre seu pai e Roberto Requião, Pereira não poupa críticas ao senador: “Requião é um sujeito anacrônico do ponto de vista político, tem ideias bolorentas, mas é inegável que tem talento. O que ele fez de pior foi aplicar ao Paraná a visão atrasada de economia que ele tem, evitando que concessões, parcerias público-privadas e toda espécie de atração de investimento privado prosperassem no período em que ele foi governador por causa da visão estatólatra dele. A admiração que ele tem por Hugo Chávez fala por si. O que ele faz de bom é a atuação dele como senador – é um bom senador, que se aprofunda em alguns temas, tem visão crítica apurada, tem uma ótima oratória”. Por fim, afirma que, se pudessem resumir em uma frase, diria que o considera “o maior exemplo de desperdício da forma pelo conteúdo”.

### **HÁBITOS**

Em 1998, Luiz casou-se com a advogada curitibana Ana Luísa Pernetta Caron, com quem tem duas filhas, Ana Teresa e Mariana (de 12 e 10 anos). Na sua confortável casa em um condomínio fechado, pratica uma de suas atividades mais prazerosas, a leitura. Lê diariamente jornais impressos. E alterna leituras de literatura com livros de história, especialmente biografias. Aprecia especialmente história do século 20. Conheceu Berlim Oriental em janeiro de 1989, meses antes da queda do Muro, e voltou a visitar a cidade após a queda. Declara-se fascinado por tudo que é publicado sobre esse período. Gosta também da história cubana – esteve no país de Fidel duas vezes.

Já foi professor de inglês – quando tinha 15 anos, morou por seis meses nos Estados Unidos, graças a um intercâmbio estudantil. E lê com facilidade em italiano: quando estava terminando o doutorado, passou 40 dias no Istituto di Diritto Processuale Civile da Università Degli Studi di Milano, onde fez pesquisas para sua tese.

Em literatura, lê de tudo. Na mocidade, revela ter-se inspirado em Albert Camus. Deleita-se também com autores contemporâneos como Philip Roth, Ian McEwan e Doris Lessing (cuja morte recente afirma haver lamentado muito). Entre os brasileiros, cita Rubem Fonseca e Machado de Assis. Dá-se também ao prazer da escrita, mantendo coluna na Revista Ideias, onde publica crônicas sobre os mais variados assuntos (quase nunca sobre Direito). Os temas do Direito estão nas suas várias obras acadêmicas. Além de muitos artigos, tem dois livros publicados pela mais importante editora jurídica brasileira, a paulista Revista dos Tribunais, ambos com edições já esgotadas.

Pereira se confessa cinéfilo, indicando Woody Allen como diretor predileto. E coloca ainda na lista das predileções as viagens. Em 2013, passou um mês em Londres com esposa e filhas. O destino mais frequente, entretanto, é a praia: tem apartamento em Camboriú.

Das viagens, recorda com saudosismo as visitas a Cuba, onde conta haver testemunhado o começo da abertura econômica, quando lá esteve pela primeira vez, em 1997, época em que surgiam os “paladares”, primeiros restaurantes privados. Pensa que a abertura da ilha caribenha é um caminho sem volta e torce para que o país consiga fazer uma transição adequada. “Tenho uma relação nostálgica com Cuba”, confessa, avaliando que, se acabar o bloqueio econômico à ilha, o regime cubano cairá. “O bloqueio é a explicação universal que o governo dá para todos os seus problemas”, declara, lembrando a frase *Somos pobres, a culpa é deles*, título de um dos capítulos do Manual do Perfeito Idiota Latino-americano: “Os cubanos levam isso ao extremo: ‘Estamos mal, a culpa é dos americanos’, o mesmo discurso de Nicolás Maduro na Venezuela”.

Em matéria de religião, declara-se agnóstico: “Meus gurus na religião são dois bons ateus, Richard Dawkins e Christopher Hitchens”. Recordando um livro recente deste último sobre seus últimos dias em que relata como a doença foi afetando suas atividades diárias, cita outro escritor que admira: Tony Judt, “melhor ensaísta de seu tempo”, autor que, como Hitchens, escreveu relatos sobre o processo de degeneração causado pela esclerose que acabou por matá-lo. As duas obras o impressionaram bastante.

O jovem rebelde que se tornou respeitado advogado e professor de vasta cultura, ao escolher um nome como seu ídolo maior, não hesita em citar o pai, Mário Pereira: “Sujeito honesto, o que já é uma raridade na política, e alguém que, depois de haver deixado a política, reconstruiu sua vida profissional na iniciativa privada, outra coisa rara”.